

Júlio Sanderson e a importância literária do Sul das Gerais



2014. Esse ano Júlio Sanderson completaria cem anos. Várias comemorações, principalmente na sua terra natal, Aiuruoca, relembram a força cultural de uma personalidade marcante no campo das letras, da medicina e da história do Sul de Minas. A casa onde viveu é hoje um museu, em Aiuruoca, que reúne signos

históricos e literários. De lá, ainda, de certa forma, também presos ao ostracismo, emergiram outros grandes nomes da cultura estadual como Franklin de Massena e Dantas Motta.

Todo homem é filho de seu tempo e produto de suas idades. Todo ser humano amolda-se aos seus conflitos, reparte suas possíveis felicidades e é gênese de suas circunstâncias. Todo tempo traz suas mudanças comportamentais e morais, tecnológicas, políticas ou religiosas.

As mudanças vêm por crises, revoluções e guerras, sofrimentos e descobertas científicas. As grandes derrotas, conquistas e vitórias se perdem na história, qual seja num fluxo e refluxo de ondas cheias de gestos, significados, sentidos e signos.

Enfim, o que se perde no eco profundo do nada se esvai, como o próprio ruído da existência. Mas ainda temos a vida. A vida concreta. A oportunidade de ver, criar e viver, em outro plano, apresenta-se como o maior milagre. A reverência pela vida impõe uma permanente conexão e diálogo com uma natureza superior, inimaginável, inconsciente. Ao reverso, o inexorável da morte, e da finitude de tudo e de todos, talvez seja o maior mistério.

O permanente repouso e movimento instala-se dentro da contínua mudança da vida e da morte. "A vida é sonho sem sono. E a morte? A morte é sono sem sonho".

Algo porém certamente fica: é aquilo que o homem plantou de bom, aquilo que está comprovadamente revestido da realização do bem. Isso permanece. Mais do que plantar é necessário fazer crescer. O que é plantado com afeto e responsabilidade cresce e fica. Depois do terremoto ficam as grandes colunas, sólidas e lindas, no vai e vem da realização humana sobre a face de nossa morada: a grande e sensível terra-mãe. "Tudo isso passa, o que fica é aquilo que nós conseguimos plantar de bom. Isso permanece".

Júlio Arantes Sanderson de Queirós via na arte uma possibilidade real de criar a conexão instrumental que captasse o sentido e a realidade. Foi um médico de almas e corpos necessitados de ajuda, de saúde, de salvação. Cada minuto de sua existência era voltado para a realização do bem, da construção de um mundo mais justo e de mais verdade.

Julinho ainda é uma personalidade pouco conhecida nos meios "intelectuais", mesmo em Minas Gerais. Sua obra ficou entre aqueles que tiveram oportunidade de conhecê-lo e sua mensagem está mais forte do nunca, ressurgirá ainda com mais vigor. Seus livros, suas ideias, seus projetos resistirão às intempéries da destruição e ficarão, como a árvore bem plantada, em solo que recebe cuidados.

A afinidade não se define, ela é apenas... sensível. Em torno de Julinho reuniam-se jovens, crianças, seus amigos diletos, poetas, músicos, discípulos. Suas duas casas, no Rio de Janeiro e em Aiuruoca, eram pontos de encontro de todos que confluíam para uma alegria inconfundível de estar vivendo o privilégio de estar perto de uma personalidade marcante e nos fazia pensar melhor e admirar coisas aparentemente recolhidas na alma humana.

Em 1964, no olho do furacão do golpe, militares invadiram sua casa no bairro Grajaú, no Rio, e um general — ante os latidos dos cães da casa — reclamou em altos brados: "calem esses cachorros". Julinho e Dona Lili, sua esposa, também médica, prima de Carlos Lacerda — e com parecido temperamento — tiveram que explicar com veemência que os cães da casa não gostavam de visitas indesejáveis. O poder, de fato, não eleva as pessoas, o poder revela as pessoas.

Todas as quartas-feiras o escritor Pedro Nava realizava um jantar em sua casa, no Rio. Júlio era o convidado que trazia a cultura, a importância literária do Sul das Gerais. Em cada referência, uma história de vida, em cada crônica, uma ideia construída com o vigor do sentido histórico. A riqueza cultural dessa região do Estado era trazida com profundo conhecimento nesses encontros que tinha Drummond de Andrade, Oranice Franco e outros confrades.

Em nosso tempo, marcado por um crescente individualismo, o dinheiro acima de tudo e o perigoso desinteresse pela política, é necessário lembrar e discutir Júlio Sanderson. Em nosso tempo, onde a destruição socioambiental e o excessivo consumismo impõem-se como comportamento convencional, as ideias e textos de Júlio Arantes Sanderson de Queirós estão mais vivos do que nunca. Surgem e ressurgem com seus ideais ainda pungentes.

Seus exemplos e a mensagem concreta deixada de sua existência emergem com mais força ainda.

Homem de seu tempo, Dr. Júlio concretiza-se como um verdadeiro herói. Júlio Sanderson deixou marcada sua existência como um herói de fazer, de criar, uma referência que nos faz pensar. Homem de seu tempo, Júlio Sanderson instala-se, aqui e agora, como um verdadeiro e legítimo herói de curar para o nosso tempo, uma referência cultural da mais essencial história da literatura em Minas Gerais.

A medicina e a atividade literária do Julinho da Aiuruoca — como gostava de ser chamado — era uma prática filosófica, uma permanente interlocução histórica, uma interposição política, uma idealização metodológica e espiritual e afastava a mercancia possível de arte tão nobre. “Sou um mero arrancador de vísceras” dizia quando confrontado com suas realizações, com suas histórias e crônicas que marcavam muito das peculiaridades do Sul de Minas.

“Cultura é tudo aquilo que a gente aprendeu, depois que a gente esqueceu, tudo aquilo que gente aprendeu”. A cultura e a natureza moldaram nas montanhas das Minas Gerais um homem singular. Figura que deve ser lembrada, estudada, compreendida através de sua obra.

Relembramos uma passagem em que Júlio Sanderson citava seu colega de profissão: Guimarães Rosa. Esse, como médico nos sertões das Gerais, certa vez foi ver um doente numa casa de camponeses. Ouviu a dona da casa dizer sobre as características de todos os seus filhos. E, no final, ela emendou: “Só o Miguilin é que é muito sonso, mal mandado”. Inclusive a professora mandava ele sentar-se mais lá atrás, por ele mesmo ter dificuldade de aprender, completou a mãe. Guimarães, depois de muito perscrutar, tirou então umas lentes de uma caixa e testou no rosto de Miguilin, dizendo: “Vai procurar o parafuso da máquina que mamãe mandou”. O menino, deslumbrado, sem se conter de alegria, correu e achou o parafuso na areia, portando nos olhos as grossas lentes colocadas. Miguelzinho, em verdade, não era sonso, era míope. Júlio Sanderson, que viveu coisas parecidas, contando essa e outras histórias, sempre trazia sua conclusão filosófica, como no caso: gente pobre muitas vezes não procura o médico por desconhecimento, o Estado é que tem que ir ao paciente. “Só um projeto político será capaz de levar aos meninos os meios de diagnósticos e tratamento, porque tem uma dinâmica própria, irredutível, que é a mobilização popular”.

Era assim. Quem tinha a oportunidade de conviver com Júlio Sanderson, seja por dez, quinze minutos sequer, logo era marcado pela fleuma e energia de um ser que tocava a todos sempre com uma boa história, um salutar exemplo, tomava-se

o interlocutor com uma experiência inesquecível, um convite à realização, ao fazer humano.

Conversar com Dr. Júlio era se embebedar da literatura, da história, da filosofia, da prática política visando ao bem comum, das referências das amizades e das ideias sempre vivas. Em seu diálogo não havia espaço para conversas em torno da vida de outrem. Tinha os seus defeitos, como todos, mas ali estava acesa sempre a visível memória seletiva para o bem. Prodigiosa memória.

Saiu de sua aldeia, Aiuruoca, para construir-se como uma lenda da medicina brasileira. Sua participação na construção da residência médica como instituição necessária foi capital, nas memoráveis aulas práticas que faziam o acontecimento das madrugada dos hospitais Getúlio Vargas e Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro.

Júlio Sanderson reunia as três condições dos grandes oradores: era poeta, era filósofo e era ator.

O Projeto dos Remédios Genéricos, hoje reconhecido como uma política pública institucionalizada e aprovada — que tem muitos “pais”, principalmente em época de eleição — nasceu de estudos, pesquisas e concepções organizativas suas realizadas desde o ano de 1960. Era um sonho. Quando Itamar Franco assumiu a Presidência, Jamil Haddad assumiu a pasta da saúde. Júlio Sanderson, amigo de ambos, então como assessor de Jamil, pôde ver seu trabalho implementado, canalizado para um projeto parlamentar, e depois consolidado no Governo FHC.

A natureza nunca reconhece o princípio das boas intenções. Por mais que um médico esteja tentando salvar a vida de outrem ele pode errar e ser punido por isso. Por melhor que estejamos com a boa e legítima intenção da construção de um bem maior, a natureza pode nos esmagar, decide nos destruir sem maiores explicações. Mesmo a natureza humana nem sempre costuma transigir com aqueles que buscam construir, com sinceridade, um mundo melhor. Para a natureza, de fato, não existe o princípio das boas intenções.